



**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Eixo: Gênero, Família e Políticas Públicas

TEMPLATE – TRABALHO COMPLETO – Apresentação Comunicação Oral

**O CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL,
UNIDADE II, BARRA FUNDA, PARAGUAÇU PAULISTA:
impressões sobre o exercício profissional da equipe técnica no
acompanhamento das famílias por meio do Serviço de Proteção e
Atendimento Integral à Família (PAIF).**

Maria Carolina Gonçalves Luiz ¹
Juliana Forin de Matos Alves ²

Resumo: Este relato apresenta a experiência vivenciada pela equipe técnica do CRAS II, Barra Funda, de Paraguaçu Paulista/SP, referente ao desenvolvimento do PAIF na modalidade coletiva. Foram formados dois grupos de mulheres que vivenciavam situações de vulnerabilidade e/ou risco social, com o intuito de proporcionar a sua prevenção, compreensão e enfrentamento, além da potencialização do protagonismo e da autoestima. O desenvolvimento metodológico baseou-se no planejamento coletivo dos eixos temáticos e em conteúdos provenientes das orientações técnicas sobre o PAIF. Constatou-se que as usuárias apresentaram mudanças na percepção da autoimagem, expandindo os olhares sobre os contextos vivenciados e as possibilidades para o futuro.

Palavras-chave: PAIF; Planejamento; Participação; Oficinas com Famílias.

Abstract: This report presents the experience of the CRAS II technical team, Barra Funda, from Paraguaçu Paulista / SP, regarding the development of PAIF in the collective modality. Two groups of women were formed that experienced situations of vulnerability and / or social risk, with the aim of providing prevention, understanding and coping, as well as the empowerment of protagonism and self-esteem. The methodological development was based on the collective planning of the thematic axes and on the contents of the technical guidelines on the PAIF. It was observed that users presented changes in the perception of

¹ Assistente Social formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Especialista em Gestão Social: Políticas Públicas, Redes e Defesa de Direitos pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR) e Pós-graduanda do Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil. E-mail: carolinna.gl@gmail.com.

² Psicóloga formada pela Universidade Paulista (UNIP) – Campus Assis e Pós-graduanda do Curso de Psicologia Social pela Universidade de Araraquara (UNIARA), Brasil. E-mail: julianaforin@hotmail.com.



self-image, expanding their eyes on the contexts experienced and the possibilities for the future.

Keywords: PAIF; Planning; Participation; Family Workshops.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho vislumbra expor elementos que perpassam o cotidiano de profissionais que atuam na área da assistência social, suscitando o debate das relações sociais estabelecidas, da imprescindibilidade do entendimento sobre o exercício profissional em determinado espaço socio-ocupacional, assim como o ato do planejamento enquanto estratégia de reconhecimento das demandas sociais e os instrumentos para basilarem a atuação profissional.

Nessa medida, o estudo refere-se ao trabalho desenvolvido no âmbito do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) cotidianamente pela Equipe Técnica composta pela assistente social e psicóloga no espaço do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), unidade II, Barra Funda, alocado no município de Paraguaçu Paulista, interior do estado de São Paulo, Brasil.

Tornar público o trabalho social desenvolvido com as famílias referenciadas é de extrema relevância, visto que à priori fortalece o movimento de reflexão sobre a atuação profissional, possibilitando a identificação de avanços, mas também de limites e desafios para a implementação de um serviço cada vez mais inclusivo e correspondente às demandas sociais apresentadas pelo território. Outro aspecto, é sobre a divulgação e reconhecimento de ações intencionais, planejadas e implementadas que constituíram um universo de mandos e desmandos no que se refere, substancialmente, à lógica orçamentária sobre os gastos públicos.

Ao atuarmos no âmbito da assistência social, são diversos os dilemas e quebra-cabeças para compreensão sobre o seu objetivo, público-alvo, e o processo de planejamento, monitoramento e avaliação, pois são inúmeros os resquícios de uma lógica assistencialista, que se acentua, significativamente, em municípios de pequeno e médio porte. O processo de compreensão sobre a política de assistência social a nível federal, estadual e municipal é de extrema urgência, pois fundamentam o trabalho a ser desenvolvido pelos técnicos de referência, entretanto, cabe ressaltar a necessidade de se apreender a realidade local de cada território.



Mas, de fato, o que significa olhar para além do que está posto? Em nosso cotidiano, expressa analisar as realidades particulares de cada território e o que esta nos apresenta, com as relações de poder constituídas, suas potencialidades e fragilidades, bem como as famílias que ali residem. A partir de um processo de aproximações sucessivas com a população local, e também de leituras bibliográficas que discorrem sobre a temática do planejamento, da prevenção, da proteção social e das concepções de família, buscou-se estabelecer uma relação horizontal entre a equipe técnica e as famílias referenciadas.

Destaca-se também a relevância da prática interdisciplinar, unindo os saberes das áreas de serviço social e da psicologia, o que possibilitou uma expansão do campo de atuação, uma vez que partiu-se do pressuposto do sujeito enquanto um ser biopsicossocial, munido de sua história de vida, sendo, portanto, contemplado em sua integralidade e resgatando-o enquanto um sujeito de direitos.

Em tempos de globalização, tudo inova e se renova diariamente, e as situações tornam-se efêmeras. Suspender o que tem sido feito e partir para o processo de reflexão tem sido encarado enquanto um obstáculo para a capacidade de “dar conta” das demandas que emergem para os profissionais. E qual tem sido o resultado para o trabalho? Cada vez mais identificamos espaços socio-ocupacionais abrindo-se para demandas que não são de sua responsabilidade, como por exemplo, do âmbito da saúde e educação, assim como profissionais desmotivados, e população com dificuldades de referenciar-se para o acompanhamento.

Na próxima sessão, abordaremos sobre a experiência de uma modalidade de serviço construída coletivamente, que exigiu conhecimento prévio sobre as fragilidades e potencialidades apresentadas pela população e o território que constituem.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA: O SERVIÇO DE PROTEÇÃO E ATENDIMENTO INTEGRAL À FAMÍLIA (PAIF) NA MODALIDADE COLETIVA PENSADO E CONSTRUÍDO COLETIVAMENTE

O Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) deve ser, necessariamente, operacionalizado pela equipe técnica do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), configurando-se como um serviço de caráter exclusivo. Tem como finalidade o enfrentamento de situações de vulnerabilidades, a prevenção da ocorrência de riscos sociais e a compreensão de suas multifacetadas, além de visar à potencialização do protagonismo e da autonomia e às aquisições materiais e sociais das



famílias atendidas. As ações que compõem esse serviço materializam-se por meio da modalidade individual, que consiste em ações particularizadas e encaminhamentos, e da coletiva, correspondente a oficinas com as famílias e ações comunitárias (BRASIL/MDS, 2012).

O presente estudo é decorrente de experiências de oficinas com as famílias do CRAS, unidade II, localizado no bairro Barra Funda, no município de Paraguaçu Paulista, interior de São Paulo, no âmbito do PAIF, as quais foram conduzidas pela equipe técnica local, composta por uma assistente social e uma psicóloga.

É válido salientar que a unidade passou um período sem ofertar a categoria de atendimento coletivo com as famílias atendidas pelo PAIF, sendo assim, em vista da transição com a contratação de novas profissionais, foi identificada a necessidade de implantação desse serviço junto à equipe gestora. A partir disso, à princípio, foi efetuado um estudo acerca do território e das famílias a serem atendidas, através do contato com a população participante do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), o qual funcionava regularmente na instituição, assim como, mediante atendimentos realizados por demanda espontânea.

Ao discorrer brevemente sobre o território de nossa atuação, trata-se este de **lócus** de extrema vulnerabilidade e risco social, considerado o bairro com o maior índice de criminalidade, sobretudo com grande incidência de tráfico de drogas, e também é constituído por famílias em situação de extrema pobreza. Outro aspecto a ser considerado é de que o território em questão, denominado de Barra Funda, é demarcado pela estrada ferroviária que divide a parte central do município para o referido bairro, o que reflete no distanciamento, na criminalização e nos estigmas que permeiam a realidade das famílias que ali pertencem.

Nessa perspectiva, Santos (2004) elucida que para aqueles que têm o poder econômico e político, o território constitui-se como um conjunto de recursos a serem explorados de acordo com seus interesses particulares. Para os que não tem, ele constitui um abrigo, onde se busca uma adaptação constante ao meio geográfico, ao mesmo tempo que se recriam estratégias que garantam a sobrevivência.

Em consonância, as condições objetivas de vida das famílias são permeadas por violações de acesso aos direitos básicos de sobrevivência, fato que incide de forma particular e acentuada na vida das mulheres consideradas chefes de família. Ao efetuarmos o diagnóstico social do bairro e sua relação com o equipamento público da política de assistência social, observou-se que o público atendido, em sua maioria, correspondia ao gênero feminino, logo, optou-se pela criação de dois grupos compostos por mulheres de diferentes faixas etárias. A divisão dos grupos deu-se pelo fato de algumas mulheres



exercerem atividade laboral em período integral, dessa forma, foram estabelecidos horários que possibilitariam o acesso de um maior número de famílias ao serviço, totalizando aproximadamente quinze mulheres por período. Posto isso, ficou acordado com as participantes que os encontros aconteceriam quinzenalmente, às terças-feiras, com um dos grupos no período vespertino e o outro no período noturno, ambos com duas horas de duração.

A seleção das famílias a serem convidadas para participar das oficinas baseou-se na identificação de diversos aspectos que evidenciavam a importância do trabalho social a ser desempenhado, como a vivência de situações de vulnerabilidades e/ou riscos sociais variados, conforme as orientações técnicas do PAIF (BRASIL, 2012) . Desse modo, a composição grupal abrangeu participantes com um grau moderado de características heterogêneas, isto é, não necessariamente vivenciavam as mesmas situações, o que pôde enriquecer as trocas de experiências, ao ponto que surgiam posicionamentos distintos e o fomento à reflexão. Por outro lado, algumas famílias apresentavam um nível de proximidade com relação à demanda, o que favoreceu o processo de identificação, o compartilhamento de vivências e a compreensão.

As profissionais buscavam proporcionar um espaço acolhedor, democrático, criativo e propício ao diálogo. Para tanto, selecionavam com frequência alguns facilitadores, utilizando-se de recursos de natureza artística, como imagens, vídeos, músicas, poemas, entre outros, a fim de contribuir com a compreensão e expressão das participantes. Embora os encontros fossem previamente planejados com base nas demandas apresentadas, a sua condução ocorria conforme o ritmo de cada integrante, respeitando as suas especificidades.

Inicialmente, as técnicas planejaram um encontro destinado à apresentação e ao primeiro contato com as expectativas das mulheres sobre as oficinas, a orientações a respeito do PAIF, assim como ao esclarecimento das funções desempenhadas pelo CRAS, ficando evidente as dúvidas por parte das integrantes e, em alguns momentos, o desconhecimento sobre os serviços, apesar de estarem referenciadas há um tempo considerável.

Um dos aspectos a serem ressaltados sobre esta questão refere-se à falta de esclarecimento sobre a função do psicólogo no CRAS, visto que as reuniões ofertadas no âmbito do SCFV eram executadas por este profissional, o que refletiu na falta de entendimento e diferenciação do seu papel, sendo confundido constantemente com a atuação clínica dessa categoria. Nesse sentido, fez-se necessário a explanação sobre as suas atribuições e a orientação sobre a unidade que executa esta modalidade de atendimento, sendo neste município o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).



Imagem 1 – Registro fotográfico do 1º encontro do PAIF.



Fonte: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), unidade II, Barra Funda.

No segundo encontro, de acordo com os parâmetros de atuação no âmbito do PAIF e os eixos de trabalho, de forma a desenvolver o sujeito em sua integralidade, destinou-se a refletir e elencar junto às usuárias as temáticas de interesse divididas em três categorias: eu, família e comunidade. Cabe ressaltar que foram utilizados instrumentos facilitadores, como a confecção de cartazes pelas usuárias, contendo cada um destes uma frase e/ou poesia, no sentido de promover a reflexão sobre demandas importantes a serem consideradas no processo de acompanhamento.

Na ocasião, observou-se a dificuldade destas em pontuarem elementos no âmbito do eu, tendendo as discussões a permanecerem no contexto da família e/ou da comunidade. Esse fato acabou por gerar inquietações sobre a função que cada mulher desempenha na família, visto que existia o predomínio de participantes que exerciam os cuidados dos filhos, o trabalho doméstico e, em alguns casos, a atividade laboral, tornando-se assim, um assunto a ser trabalhado posteriormente com o grupo.

Outro elemento a ser ressaltado refere-se a resistência de determinadas participantes em expor suas opiniões, sendo assim, algumas usuárias tornaram-se figuras de liderança frente às demais. Apesar disso, o momento foi marcado pelos seguintes questionamentos: “Assim está certo?”; “Mas o que eu coloco?”; “Ai, não sei...”.

Isto reflete a cultura vertical ainda presente no processo de implementação das políticas públicas, em que o planejamento ainda se faz de forma burocratizada e distancia-se do âmbito participativo, o que reflete em profissionais que desvalorizam seu aspecto teórico-metodológico, técnico-operativo, e essencialmente técnico-político. Nesse aspecto, Battini (2007, p. 8) afirma que



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

o planejamento captura a vida individual e coletiva produzida em sua concretude, trazendo para o centro da atenção a análise da situação concreta dos cidadãos como sujeitos da história real. Pinça fenômenos advindos da atividade humana e os transforma em objetos de intervenção.

Dessa maneira, considerando a imprescindibilidade do planejamento para a atuação profissional, são efetuadas aproximações sucessivas com a comunidade para a construção de um plano de ação correspondente ao cotidiano da vida dessas famílias.

No espaço do grupo, apesar de terem sido constatadas atitudes de resistência para a participação, também houve diálogo e construção de ideias entre as participantes para a padronização das palavras e frases a serem escritas nos cartazes, o que representa o aspecto dinâmico e contínuo.

Neste encontro, também foram delimitadas as regras de convivência, sendo ressaltada a questão do sigilo das informações compartilhadas e exposta a importância do grupo considerando os desafios e limites que ele possibilita. O encontro foi finalizado com a leitura da poesia “Os amigos”, de Almir Correia, que reflete a constituição de determinado grupo.

Imagem 2 – Registro fotográfico do 2º encontro do PAIF.



Fonte: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), unidade II, Barra Funda.

O terceiro encontro foi resultado das temáticas elencadas no eixo “eu”, sendo retomado o cartaz confeccionado no encontro anterior. Na ocasião, a data comemorativa do Dia das Mães estava próxima, e, mediante os relatos atrelados à sobrecarga do desempenho da função de cada uma na família, analisamos ser de extrema importância propiciar um espaço distinto do que normalmente se oferece nessa data. Ao invés de ações que ressaltem a maternidade, optamos por oportunizar um ambiente de reflexão acerca da



história da mulher na sociedade, do impacto das desigualdades de gênero e a sua repercussão até os dias atuais.

Em consonância a isto, foi apresentada a música “Triste, Louca ou Má”, de Francisco, El Hombre, tendo propiciado diversos relatos de sentimento de fragilidade perante o companheiro e os demais familiares. Nesse sentido, foram problematizados os papéis que estas tem exercido cotidianamente, sendo recolocado que são responsáveis por dezenas de afazeres e responsabilidades, o que torna a condição de fragilidade questionável. O encontro foi de extrema importância para identificarmos como as usuárias tem se posicionado perante suas necessidades e aos demais, e proporcionou a problematização do que é ser mulher na contemporaneidade.

Imagem 3 – Registro fotográfico do 3º encontro do PAIF.



Fonte: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), unidade II, Barra Funda.

Em conformidade com a postura adotada pelas profissionais, a qual considera o sujeito em sua integralidade, e, portanto, o olhar é direcionado para todos os seus elementos constituintes, ao tratarmos sobre o “eu”, definitivamente fez-se necessária a abordagem sobre a infância dessas mulheres, o fundamento de suas vidas, as lembranças e memórias que fazem parte do ser social constituído e em constante processo de transformação. Beauvoir, em uma de suas obras, lança o seguinte questionamento: “O que é um adulto? Uma criança inchada pela idade”.

Para provocarmos a reflexão, foi apresentado no quarto encontro³ o curta-metragem “Vida de Maria”, que aborda sobre a infância no sertão do nordeste brasileiro, perpassada pelo trabalho infantil e a reprodução de vida entre pais e filhos. O instrumento facilitador instigou as mulheres a relatarem diversos acontecimentos de sua infância, tendo estas

³ Não há registros fotográficos do quarto encontro.



afirmado, de forma geral, que “não tiveram infância”, pois os pais determinavam que trabalhassem para colaborar com as finanças da casa. Além da questão financeira, identificou-se a forte incidência na fragilidade nos vínculos familiares e comunitários, que tem refletido nas famílias formadas atualmente.

Nos estudos de Rizzini e Pilotti sobre a infância (2011, p. 25-26), ao esclarecerem sobre os diversos atores e autoridades que governavam as crianças, retrata que “[...] a família aparece como aquela que não é capaz de cuidar de seus filhos”. Esta realidade incidia sobre as classes populares, criando-se um mito em torno da família, pois “serviu de justificativa para a violenta intervenção do Estado neste século”, legitimando os mandos para as escolas públicas de reforma, as colônias correccionais e os presídios. Nesse cenário, inúmeras famílias sofreram com as intervenções do Estado, que ocasionou resquícios de um modelo de educação correccional/repressivo, de controle autocrático e centralizado.

Cabe destacar que as famílias em acompanhamento pelo PAIF, em sua maioria, já tiveram membros em instituição de acolhimento ou que ainda encontram-se institucionalizados, ou ainda, que estiveram em situação de reclusão, sobretudo pela fragilidade dos vínculos familiares, o que expressa a reprodução da história das famílias dos genitores e de suas relações sociais constituídas, desde o início do século XX, conforme o resgate histórico construído pelos autores Rizzini e Pilotti (2011).

Para explorar ainda mais o eixo “eu”, os encontros 4 e 5 destinaram-se à exposição e retomada dos trabalhos realizados sobre infância para, assim, manifestarem as visões que possuem sobre si mesmas e suas vidas no momento atual, bem como as expectativas, desejos e sonhos que almejam para o futuro. Para tanto, construímos o que denominamos de “linha do tempo da vida”, dividindo os momentos entre passado, presente e futuro, de forma a facilitar a visualização dos conteúdos de cada integrante no quadro.

Constatou-se que as mulheres apresentaram maior facilidade em desenvolver os assuntos correspondentes ao passado e ao presente. Por outro lado, expressaram dificuldade em abordar os desejos para o futuro, referindo falas como “Não sei o que colocar”, “Não tenho nenhum sonho...”, ficando evidente a falta de expectativas, a ausência da visão de futuro e a conformidade com o contexto vivenciado, inferindo um modo de vida permeado pelo fatalismo. Tal percepção foi compartilhada pelas integrantes, o que possibilitou uma discussão que abordou questões sobre protagonismo e autonomia. Por conseguinte, apresentaram perspectivas de melhoria relacionadas, na maior parte dos casos, a bens materiais, como a aquisição da casa própria, por exemplo, e que nós enquanto profissionais, ao nos depararmos com as demandas e desejos, realizamos a escuta qualificada, identificando elementos que motivem a construção coletiva com as



famílias acerca do caminho que esta percorreu até chegar na atual situação, e o que ainda poderá vir pela frente.

Comumente, as famílias tem sido percebidas enquanto incapazes, na medida em que suas potencialidades são suplantadas pelas dificuldades cotidianas de se traçar um caminho. A partir do acompanhamento pelo PAIF, na modalidade coletiva, constatou-se um alto índice de analfabetismo ou questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, e por este motivo, foram utilizadas diversas imagens e desenhos para a condução das atividades, a fim de desenvolver uma linguagem acessível ao grupo.

Outro aspecto a ser ressaltado e valorizado no decorrer dos encontros refere-se ao exercício do protagonismo, do estabelecimento de um raciocínio sobre a situação enfrentada e a postura ao dialogar sobre isso com a equipe técnica e os demais. Eram inúmeras as resistências para apresentação da reflexão ao final da atividade, entretanto, as relações ficaram mais flexíveis e tornou-se comum a exposição de ideias pelas famílias.

Essa forma de abordagem e metodologia está apoiada nos estudos sobre a educação popular, podendo esta ser produzida pelas classes populares ou para elas, de acordo com seus interesses. “[...] É uma forma de educação ‘menos oficial’ e menos enquadrada nos programas tipo professor-alunos”, justamente por considerar o diálogo e estar atrelada ao seu potencial democrático (BRANDÃO, 1980, p. 64).

O encontro foi finalizado com a apresentação do curta-metragem “Severinas”, resultado de uma experiência de comunicação popular, construída por moradores da região do sertão nordestino. Refere-se à exposição de uma outra realidade, com condições de vida limitadas, mas que apesar disso, ainda existiam pessoas com sonhos e desejos de tentar escrever a sua própria história. O vídeo aponta para o ideário de que não existe o certo e o errado, e que tais sujeitos fizeram aquilo que estava ao alcance deles, conforme a realidade em que vivenciavam.

Imagem 4 – Registro fotográfico do 4º encontro do PAIF.





Fonte: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), unidade II, Barra Funda.

No sexto encontro foram trabalhadas as transformações na vida dos sujeitos, que cotidianamente sofrem influência de aspectos objetivos, mas também subjetivos. A partir da utilização da música “Eu não sei na verdade quem eu sou”, de O Teatro Mágico, incitamos os seguintes questionamentos: “Existe um ideal de felicidade?”; “O que é real e o que é imaginário?”; “É necessário estar sempre bem?”. O encontro teve por finalidade romper com o ideário de que é preciso ser forte e confiante em todos os instantes. Nesse dia, as mulheres esboçaram o descontentamento com a aparência física e a saúde mental, sobretudo pelo acúmulo de responsabilidades e o não reconhecimento pelos demais.

Nesse aspecto, explicitamos sobre a importância de reservarem um tempo particular em suas rotinas, destinado a identificar os fatores que tem prejudicado os diversos âmbitos da vida social, assim como o efeito contrário. Na ocasião, enquanto forma de instigar o movimento de autoconhecimento, foram espalhadas imagens e palavras que pudessem defini-las de alguma forma, sendo estas convidadas a preencher uma mini bolsa com os referidos materiais. Trata-se de um objeto de representação das participantes durante o processo de acompanhamento pelo PAIF, as quais ficaram responsáveis por apresentá-lo novamente no encerramento desse ciclo.

Imagem 5 – Registro fotográfico do 6º encontro do PAIF.



Fonte: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), unidade II, Barra Funda.

No intuito de proporcionar uma vivência distinta das anteriores no que se refere às discussões, o sétimo encontro foi dedicado à prática do relaxamento direcionado à autoestima mediante a condução da equipe técnica. Foi desafiante construir esse momento com as famílias, pois o modelo de atuação geralmente está voltado à figura do profissional



enquanto ditador de regras e padrões, enquanto que os demais encontram-se na posição de espectadores. O encontro ocorreu em ambiente previamente preparado à meia luz, com a disposição de colchonetes, aonde as participantes foram conduzidas à retomada de lembranças sobre a juventude, os sonhos e a perspectiva que tinham sobre si mesmas, fazendo um contraponto com as percepções atuais. Nesse instante, as usuárias passaram progressivamente a reconhecer que as atividades estavam voltadas para o que elas realmente necessitavam em determinado momento, além disso, ficou perceptível em alguns discursos o fato de terem abandonado alguns sonhos em decorrência de situações que surgiram ao longo de suas vidas, e, com isso, algumas delas referiram o desejo de recuperá-los.

Imagem 6 – Registro fotográfico do 7º encontro do PAIF.



Fonte: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), unidade II, Barra Funda

Apesar disso, estabelecer um plano de ação contínuo, e se necessário, de longa duração, que respeita suas fases e etapas, foi indispensável para compreender o cerne de todas as questões apresentadas pelas usuárias. Acerca da atuação profissional da equipe técnica, Guerra (2000) traz elementos importantes, pois

[...] Se as demandas com as quais trabalhamos são totalidades saturadas de determinações (econômicas, políticas, culturais, ideológicas) então elas exigem mais do que ações imediatas, instrumentais, manipulatórias. Elas implicam intervenções que emanem de escolhas que passem pelos condutos da razão crítica e da vontade dos sujeitos, que se inscrevam no campo dos valores universais (éticos, morais e políticos). Mais ainda, ações que estejam conectadas a projetos profissionais aos quais subjazem referências teórico-metodológico e princípios ético-político (GUERRA, 2000, p. 9)

Nessa perspectiva, apreender as legislações e orientações técnicas para uma prática profissional são fundamentais, entretanto deve-se levar em consideração as peculiaridades



de cada demanda apresentada, promovendo a adoção de estratégias de atuação pautadas na dimensão teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa.

No oitavo encontro, ao retomarmos as discussões sobre o “eu”, visualizamos comumente ações promovidas no âmbito da estética, no sentido de garantir a valorização da autoestima das mulheres, sobretudo em datas comemorativas em alusão ao Dia Internacional da Mulher. No entanto, ao analisarmos de fato o resultado dessas ações, constatamos que são paliativas e pontuais quando pensadas isoladamente, pois necessitam serem acompanhadas de um debate de fácil acesso e entendimento com a população, com o objetivo de reconhecermos as fragilidades e potencialidades de forma gradual e contínua e daí então, dialogarmos sobre a temática do empoderamento.

No decorrer dos quatro meses de trabalho junto aos dois grupos do PAIF, a questão do autoconhecimento acrescida da autoestima tornaram-se recorrentes na produção da fala e das atividades. Em decorrência disso, o oitavo encontro foi marcado pela “Oficina do Autoconhecimento”, caracterizado pela leitura de cada uma frente à sua imagem espelhada. Inicialmente, as participantes foram convidadas a conhecer a pessoa que as “visitara”, tendo as técnicas atribuído algumas qualidades à ela. Em seguida, foram encaminhadas de forma individual a outro ambiente, aonde deparavam-se com a sua imagem em um espelho.

No decorrer dessa atividade, muitas mulheres reagiram de forma impactante e negativa em relação à sua própria imagem, apresentando comportamentos como o choro e a esquivas e a verbalização de expressões depreciativas, corroborando as observações realizadas anteriormente pela equipe técnica. Na oportunidade, foram conduzidas à reflexão sobre a origem e os efeitos da autoimagem negativa, assim como, buscou-se conjuntamente elencar elementos positivos a respeito de si mesmas, de maneira a potencializá-los.

No intuito de simbolizar o encerramento de um ciclo⁴ para todas as participantes, a equipe técnica optou em proporcionar uma ação que não é comum na realidade das usuárias. Com a colaboração de parceiros de estética, fotografia e alimentação, foi ofertado um Jantar em comemoração ao percurso traçado sobre o autoconhecimento. Além disso, cada usuária teve acesso à maquiagem profissional e posteriormente foram realizados inúmeros registros fotográficos para recordação.

Imagem 7 – Registro fotográfico do encerramento do primeiro eixo.

⁴ O próximo eixo trabalhado com as mulheres refere-se à “família”, no entanto, não será abordado nesse artigo.



Fonte: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), unidade II, Barra Funda.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cotidiano de profissionais da política de assistência social, tem sido cada vez mais comum e recorrente a reprodução de práticas paliativas, concentradas em ofertar respostas emergenciais, que distanciam-se de um exercício profissional pautado nas legislações e códigos de ética específicos de cada profissão. Negar a realidade das demandas cotidianas da população de determinado território implica na violação dos direitos sociais básicos, o que reflete na criminalização e estigmas da população, e de forma mais acentuada, na vida de mulheres consideradas chefes de família que residem em áreas consideradas de extremo risco e vulnerabilidade social.

O acompanhamento conduzido por etapas planejadas, sistemáticas e contínuas se fez urgente e necessário, na medida em que buscou compreender a essência e a história de vida das participantes. Por se tratar do grupo do PAIF, com grande incidência de mulheres com filhos (as) em situação de acolhimento institucional e/ou em vivência de risco social, acompanhadas, portanto, pela rede de serviços municipal, podemos dizer que apesar da temática sobre família não ter sido iniciada à época, o trabalho desenvolvido repercutiu em bons resultados, sendo expostas impressões positivas pelos demais técnicos de referência dos outros serviços sobre a mudança de percepção que cada mulher passou a ter de si por conta da experiência vivenciada na modalidade coletiva.

De acordo com esse relato de experiência, é notável a importância em superarmos a seguinte fala: “políticas pobres para pobres”. A adoção de estratégias de negociação com o Órgão gestor e coordenação local se faz urgente, podendo ser embasada em dados formalizados por meio da construção do diagnóstico social da população atendida.

Quando discutimos sobre o planejamento e a sistematização de nossa atuação profissional, é habitual que a rotina institucional tenda a cercear as ações que fogem à



imediatividade por conta da grande incidência de população referenciada. Contudo, a partir da experiência de negociação, foram provocadas diversas mudanças para o cotidiano profissional, dentre elas: a definição de horários alternativos para os grupos; a definição de dias específicos destinados somente ao atendimento das famílias em acompanhamento pelo PAIF e tempo reservado para a construção dos relatórios da equipe técnica.

Cabe ressaltar que os dois grupos do PAIF mencionados nessa pesquisa continuaram a ocorrer, coordenados por uma equipe técnica de configuração distinta, a qual tem como base a continuidade do trabalho iniciado e o desenvolvimento dos demais eixos temáticos planejados coletivamente.

REFERÊNCIAS

BATTINI, Odária. **Política e Planejamento**: decifrando a dimensão tecnico-operativa na prática profissional. Curitiba: SETP/NUCLEAS, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). **A questão política da educação popular**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

BRASIL. **Orientações Técnicas sobre o PAIF**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 1.ed. vol. 1. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012.

GUERRA, Yolanda. **Instrumentalidade no trabalho do assistente Social**. Capacitação em serviço social e política social: Módulo IV: O Trabalho do Assistente Social e as Políticas Sociais, Brasília: CFESS/ ABEPSS/ CEAD/ UNB, 2000.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (Orgs.). **A Arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.